



Conquista de terra, agricultura ecológica e o minifábrica de castanha de caju: O caso do Assentamento Rural Che Guevara-CE

Land of conquest, ecological agriculture and of cashew nut mini-factory: The Case of Rural Settlement Che Guevara

SILVESTRE, Filipe Eugênio Rodrigues¹; MOREIRA, Maria Lúcia de Sousa²; SOUSA, Mercia Oliveira de³; ROCHA, Abel Bruno da Silva⁴; PAULINO, Lindenberg Costa.

1 Estudante de Agronomia da Universidade Federal do Ceará, filipe-eugenio@hotmail.com; 2 Professora do Departamento de Economia Agrícola da Universidade Federal do Ceará, Malu.jmc@gmail.com; 3 Estudante de Engenharia de Pesca da Universidade Federal do Ceará, merciaoliveira3@gmail.com; 4 Estudante de Agronomia da Universidade Federal do Ceará, abeelbruno@gmail.com; 5 Estudante de Agronomia da Universidade Federal do Ceará, lindenberg_to@hotmail.com

Seção Experiências em Agroecologia.

Resumo: Nas pesquisas e extensões realizadas pelo Programa Residência Agrária da Universidade Federal do Ceará, tivemos em 2014, a oportunidade de conhecer e relatar as atividades desenvolvidas pelo Assentamento Rural Che Guevara que se destaca na região de Ocara na produção de castanha de caju desde a produção do fruto até torná-la pronta para o consumo. É destacável o cooperativismo dentro da mini-fábrica que gera lucro, cria empregos, desenvolve toda a comunidade local e a agricultura familiar, diminuindo êxodo rural e produz alimentos agroecológicos.

Palavras-Chave: agroecologia; produção sustentável.

Abstract: In surveys and extensions made by the Program Residência Agrária of the Federal University of Ceará, we had in 2014, the opportunity to meet and report the activities developed by the Rural Settlement Che Guevara that stands out in Ocara region in the production of brown cashew from the production of the fruit to make it ready for consumption. It is detachable cooperatives within the mini-factory that generates income, creates jobs, develops the entire local community and family farming, reducing rural exodus and produces agroecological food.

Keywords: agroecology; sustainable production.

Contexto

Os assentamentos rurais presentes no Brasil se destacam pela produção de produtos de origem agroecológica cria uma relação de respeito entre o homem e o meio ambiente. Dentro dessa realidade, encontra-se no Ceará, o assentamento Che Guevara que tem se destacado no semiárido pela alta produção de castanha de caju e pela geração de empregos devido à construção de uma minifábrica que processa castanha e caju.



As visitas ocorreram em 2014, após uma breve conversa com o presidente do assentamento, os alunos do Programa Residência Agrária (PRA) da UFC foram divididos em quatro grupos com o intuito de fazer pequenas entrevistas e conhecer o modo de vida dos trabalhadores ali residentes. Após esse trajeto, os alunos se dirigiram a minifábrica para acompanhar o funcionamento da mesma.

Descrição da experiência

No início da procura pelo território para ocupar e produzir, membros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra acabaram ocupando Chorozinho em 1998. Esses trabalhadores após migrarem por várias terras atrás de alguma na qual pudessem desenvolver atividades agrícolas e que tivesse principalmente água.

Após diversos êxodos, eles finalmente se estabeleceram em Ocara, na antiga Fazenda São José e em 31 de setembro deu início ao Assentamento Che Guevara. Na época foi ocupada por nove grupos de cinco famílias cada, com um representante em cada grupo.

O Assentamento foi estabelecido e reconhecido. Eles desenvolveram atividades no setor agropecuário e ganharam a oportunidade de trabalhar com uma fábrica na qual processa a castanha de caju para o consumo.

Atualmente é composto por três Agrovilas, com 45 famílias repartidas em 5, 10 e 30 para cada uma das agrovilas. O assentamento tem uma relação diferenciada devido a localização na região do semiárido brasileiro, possui um potencial de produção agrícola e pecuária, devido a presença de cinco açudes que tem enfrentado a seca e prejudicando a vida dos moradores que vivem de agricultura de subsistência.

Depois de uma seca que aconteceu no assentamento, os moradores acabaram se desfazendo de alguns animais. Um dos problemas sociais que a seca provoca no semiárido é o êxodo rural já que praticamente toda agricultura fica comprometida. No caso do Che Guevara não foi diferente e para não ter que migrar novamente e perderem a posse da terra, os moradores aceitaram o projeto para construção de uma fábrica de castanhas de caju (Figura 1).



Figura 2: Minifábrica de processamento de castanha e caju.

Fonte: SILVESTRE, F.E.R. (2014).

A fábrica acabou gerando bastante empregos para as pessoas e já beneficiou todas as famílias mesmo indiretamente, já que algum membro da família já precisou trabalhar ou ainda trabalha na fábrica.

A minifábrica chamada COPAC é filiada a Copacaju e produz castanha de caju e também cajuína, produtos originados do cajueiro não precoce e de origem agroecológica.

A Fábrica conta com 27 trabalhadores, sendo na maioria mulheres e produz aproximadamente duas toneladas de castanha por ano. Tudo que é produzido pela fábrica é aproveitado, como exemplos podemos citar que as cascas da castanha para a produção de óleos e as castanhas quebradas são utilizadas para fabricação de ração de animais.

Para trabalhar na fábrica não é exigido qualificação profissional cabendo aos jovens se autocapacitarem dentro e fora da fábrica. O que é bastante marcante é a presença de muitas mulheres na fábrica porque os homens geralmente estão trabalhando no ramo agropecuário, principalmente na cajucultura.



Dentro da experiência no Assentamento entrevistamos uma senhora chamada Francisca Adriana. Ela detalhou um pouco como era a vida no Assentamento e como fez para construir uma pequena horta comunitária com técnicas ecológicas.

Resultados

O funcionamento da minifábrica dá-se pelas seguintes etapas: O primeiro equipamento encontrado é o Classificador que ao girar separa as castanhas conforme seu peso. Ele consegue girar 50 quilos de castanha por vez. Depois que as amêndoas são separadas elas passam pela caldeira para cozinhar por sete minutos usando o vaporizador de água. Após o cozimento as castanhas devem ficar por dois dias descansando em uma estufa.

O penúltimo passo é o de descascar. É o processo mais perigoso e cansativo pelo qual o operário da fábrica passa. Nele os assentados levam as castanhas para uma lâmina e usando a força exercida por um pé quebra a castanha deixando a amêndoa. Isso deve ser feito com cuidado devido ao perigo e também porque a castanha quebrada não dá lucro para a pequena empresa, apesar de ser utilizada e vendida. Nesse processo os operários usam touca, uma farda, só não utilizam luvas porque a castanha não ficava firme quando eles estão a manipulando, então ela foi substituída pelo uso de um óleo.

O último passo é o descasque da pele da castanha e separação para embalagem. Essa pele pode ser removida ralando, quebrando e tem aquelas que não dão para ralar que são separadas, pois possuem valor no mercado diferenciado. Após esse processo elas também são separadas pela cor.

A Minifábrica já empregou diversas pessoas, principalmente mulheres, uma delas foi à dona Francisca que trabalha em uma escola como monitora e desenvolve uma horta agroecológica coletiva (Figura 2).



Figura 2: Horta comunitária desenvolvida por dona Francisca Adriana.

Fonte: SILVESTRE, F.E.R. (2014).

Ela relatou que teve que trabalhar na fábrica de castanha, já que era a única oportunidade de emprego que tinha na sua juventude, mas teve que sair devido ao trabalho doméstico. Atualmente ela vive com o lucro obtido na venda de artesanato, venda de alimentos e como professora em uma escola da comunidade. Ela tem motivado a comunidade a produzir junto com ela uma horta livre de agrotóxicos, espaço este onde ela produz pequenas frutíferas que podem ser utilizadas para arrecadar mais dinheiro para sua família e a comunidade, valorizando a agricultura familiar camponesa.

Agradecimentos

Ao Assentamento Che Guevara pela recepção dos estudantes da Universidade Federal do Ceará e ao Programa Residência Agrária que capacita os universitários a entender as problemáticas do campo e assim formar profissionais que atuem no desenvolvimento rural sustentável.